

## João Pessoa - Número Quatro - Agosto de 2002

### **O Dragão e o Poço da Draga: relações entre imagens e subjetividade na moderna Fortaleza**

**Vancarder Brito Souza**

Doutorando em Sociologia pelo PPGS-UEPB  
(Campus I - João Pessoa)

#### **Modernidade na cidade de Fortaleza: fragmentos e pontes de uma sociabilidade**

Este artigo pretende elencar pontos para uma discussão a respeito da relação entre o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a Favela do Poço da Draga. Discussão esta, como índice possível para se pensar a aproximação da questão da experiência de ser em uma metrópole como Fortaleza, que dentro de suas peculiaridades, ostensivamente marcada por dicotomias entre o moderno (e por que não pós-moderno?) e o arcaico, o cosmopolita e o provinciano, o local e o global, riqueza e miséria. Polaridades de aferição possível a partir da observação da estética da cidade, da forma como se organiza espacialmente, dos discursos que contribuem para formatar as imagens de reconhecimento e pertença ao local.

O ambiente a partir do qual se procederá a análise será delineado através da perspectiva de um resgate das subjetividades de que fala Guattari (1992), bem como do esclarecimento do conjunto de imagens ambientais e ou pessoais, movimentado pelos moradores da comunidade do Poço da Draga. Tentativa de análise essa que privilegiará a abordagem de alguns aspectos de suas experiências de vida, afetividades e animosidades nas suas relações com o espaço da Praia de Iracema, tomado antes e depois das transformações causadas pela implantação do Centro Dragão do Mar pelo Governo do Estado<sup>1</sup>.

Desta forma, acredito que investigar as negociações de sentido de tempo e espaço constituídas por este grupo social em face as transformações do urbano e do local (marcados nos últimos 15 anos por um incisivo discurso de modernidade, que teve na construção do Centro Dragão do Mar seu símbolo mais elaborado no horizonte de definição da imagem da cidade) pode ser uma excelente ponte para acessar o "outro lado da moeda" das conseqüências deste projeto de modernidade: a face humana, que na elaboração de seu cotidiano cose um tecido imagético próprio de todo um conjunto ambiental (material e simbólico) ao seu redor, se reproduzindo sob forma de locus de cultura e identidades: recomposição "*em sua singularidade individual e coletiva*" (Guattari, 1992: 170).

Enquanto experiência vital, a grande cidade oferece através do seu mundo simbólico e imaginário pontos de identidade e coesão do grupo, conflitantes e contraditórios na maioria das vezes, ainda assim suficientes para respaldar a paixão sentida pelos que nela habitam e, exercer atração sobre os que acabam de chegar. A cidade pode abrigar tanto a experiência singular, individual, quanto a coletiva e possibilitar o trânsito entre estas duas dimensões, o *continuum* entre o lugar de pertença e o lugar do universal. A cidade (com tudo que nela há construído) e o espaço que ela engendra produz uma polifonia de imagens que condicionam a subjetividade de seus cidadãos: "*quer tenhamos consciência ou não, o espaço*

*construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo... os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciadoras. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação.*" (Guattari, 1992: 157-158) Dessa maneira, podemos entender que em uma leitura em escala mínima dos hábitos, do que se diz sobre a cidade, das suas imagens, do pensar e perder-se em devaneios, enfim, do complicado flerte cotidiano entre seus habitantes e a luta para ganhar a vida, pode ser suscitada uma série de maneiras de significar esse espaço e que responde por tantas complexidades simultâneas; a história de uma cidade sendo contada a partir da maneira *"como se forma um sistema de relações num determinado espaço"* (Linhares, 1992:123).

Guattari afirma que

*"o alcance dos espaços construídos vai então bem além de sua estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas (...) máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva."* (1992: 158)

Uma justificativa para o interesse em investigar a constituição da favela do Poço da Draga em sua base imagética e subjetiva pode ser ancorado neste princípio de constituição do espaço observado por Guattari, e assim, lançar pontes entre fragmentos de histórias e imagens para compor o caleidoscópio particular de significação do grupo frente ao lugar onde vive.

Contrastá-lo ao cenário mais amplo e difuso dos movimentos super-estimulados da grande metrópole<sup>2</sup>, na contracorrente dos sentimento de solidão ou enfatiamento de que nos fala Simmel (1979), e neste percurso, poder vislumbrar um pouco de um significado mais global da tríade Centro Dragão do Mar - Praia de Iracema (e a favela do Poço da Draga) - Cidade de Fortaleza.

Neste cenário ampliado, constatar que o Centro Cultural longe de ser um fato em si, pode ser lido como um símbolo das transformações colocadas em funcionamento através das linhas de força dos maquinismos governamentais, além disso, que ele pode, sob forma de imaginário, movimentar uma boa parte das aspirações de mudança e bem estar dos cidadãos. Portanto, perceber-se frente a um símbolo visível de uma sociabilidade específica, uma marca desta Fortaleza, que para seus representantes, agora flerta com a possibilidade de inserção privilegiada no mundo da globalização, ao mesmo tempo, que em seu contexto aproximado estimula anseios e temores em pessoas que viram mudar muito rapidamente tanto a estética de tudo que lhes rodeava como as funções e sentidos.

A especulação sobre os sentidos sociológicos desta tríade urbana invoca uma pergunta a respeito dos desdobramentos destas transformações, intuídas a partir da materialização do Centro Dragão do Mar, referenciados através da perspectiva dos moradores da cidade, sobretudo do entorno do conjunto arquitetônico, onde se encontra o Poço da Draga. Como, e sobre que bases se constituiria a dimensão "comunitária" do Poço da Draga como tensão necessária em relação ao "cosmopolita - pós-moderno", representado pelo Centro Cultural e o discurso que lhe deu origem?

Quais mecanismos e estratégias são elaborados por esse grupo social para pensar a sua inserção no espaço, para manter laços de solidariedade e identidade frente aos desafios da própria sobrevivência material, diante inclusive da ameaça constante de remoção do grupo daquele lugar da Praia de Iracema<sup>3</sup>?

O quadro de tensão atual ao qual está submetida a comunidade do Poço da Draga, inclusive, e fundamentalmente, de ordem simbólica, com os novos conteúdos que o Centro Cultural sugere para a região, requer maiores detalhes sobre os dois pólos componentes deste conjunto.

### **O Porto do Dragão e o Porto da Draga: ameaça e esperança**

Construído a um custo superior a 20 milhões de dólares e ocupando uma área superior a 30 mil metros quadrados, o Centro Cultural contrasta com os antigos galpões e sobrados, remanescentes de um passado portuário e comercial, que ainda resistem ao seu redor. Testemunhas de uma nostálgica e boêmia Praia de Iracema, no momento em que está se transformando no principal pólo de entretenimento da cidade, com urbanização sofisticada e oferecendo os serviços de bares e restaurantes voltados para um consumo elitizado e sobretudo turístico, apoiando-se na crescente demanda por aproveitamento do tempo livre, o consumo de lazer.

O Centro Dragão do Mar apresenta-se sob a forma de uma arquitetura eclética, pós-moderna, cujo projeto luminotécnico, disposição cromática e demais elementos visuais lhe confeririam, junto à percepção estimulada de deslumbrados visitantes e usuários, atmosfera de um lugar próprio da supermodernidade (Augé, 1994), no qual a relação espaço-temporal poderia invocar a idéia de uma socialização da ruptura com o passado, mesmo que contraditória, na qual a presença dos efeitos de uma aceleração da história, geraria as condições através das quais o lugar poderia ser identificado como próprio das grandes metrópoles mundiais<sup>4</sup> - desterritorializando-se a partir de um *"desdobramento de espaços imaginários"* (Guattari, 1992: 153).

Suas longas passarelas de aço suspensas<sup>5</sup>, como metáforas de um novo porto, acenam para uma nova desterritorialização, uma nova movimentação de sentidos sob o signo da globalização. Assim, acompanhando sua trajetória provinciana, Fortaleza parece se dedicar a voltar sempre a sua atenção para as modas, os gostos, as relações, o comércio e as coisas que vem de longe, pelo oceano. A cidade,

*"tinha seu forte aberto para mares de maior horizonte, não restritos à cabotagem, mas voltados para o continente europeu. Esteve, sempre que possível, buscando independência em relação à poderosa província pernambucana (...) o mar aberto mostrava um horizonte que com certeza havia de estar lá: a Europa."* (Pimentel Filho, 1998: 25 e 32)

Sua vizinha discreta, a comunidade do Poço da Draga, encontra-se comprimida entre a avenida Pessoa Anta e o mar, mantendo-se invisível aos transeuntes e freqüentadores da Praia de Iracema e do Centro Dragão do Mar por uma barreira de edificações comerciais e pelo antigo prédio da Alfândega, este remanescente do passado portuário do local. Junto ao mar, a ponte metálica (primeiro porto de Fortaleza - ano de 1906) pode ser tomada como melhor definidora deste limite. A Oeste tem como fronteira os muros que protegem as instalações da Indústria Naval do Ceará e, a Leste, um edifício do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - DNOCS.

Com mais de setenta anos de existência, tem suas origens ligadas à extinta atividade portuária, sobretudo a pesca. Segundo levantamento da Associação de Moradores a comunidade do Poço da Draga seria formada por 1872 moradores<sup>6</sup>

adultos, divididos por 305 casas. A configuração espacial das ruas é simples, de acordo com a descrição de Feitosa,

*"a rigor só existem duas ruas: a rua Viaduto Moreira da Rocha, tida como principal, pois nasce na praia e atravessa a favela; e a rua do trilho, perpendicular àquela. Entre ambas alguns becos, não muitos, cuja largura mal dá pra se andar. A rua principal é a que apresenta as melhores edificações. São casas de alvenaria construídas a mais de quarenta anos e devidamente remodeladas dentro dos paradigmas modernos, com grades de ferro nas portas e janelas e revestidas com cerâmicas de boa qualidade."* (Feitosa, 1996: 161-162)

O tempo parece passar lento na estreita rua principal, as casas mantêm com frequência as portas abertas, vizinhos conversam tranqüilamente nas frentes das mesmas enquanto as crianças brincam ao redor, no boteco homens adultos sem camisas conversam em pé ao balcão - um tempo lento, provinciano... seguro, em alguma trama de amarras que a dimensão comunitária parece suscitar. Berço da ponte metálica, sua ambiência marítima pode nos estimular a questionar o quanto deste antigo porto ainda anima o espírito do lugar, um porto mais discreto e intimista que o do Dragão do Mar, é certo, pois voltado para destinos no tempo, na nostalgia do passado, menos que nas ameaças do presente e incertezas do futuro.

### **Agenciamento de enunciação de imagens na reconstituição de uma metrópole cindida**

Os acentuados contrastes entre riqueza e miséria não deixam de se destacar nesta Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção que aspira, através do discurso de seus governantes, um estatuto pós-industrial e pós-moderno de organização, motivações e propósitos.

Contrastes realçados pelo fato de que a cidade apresenta hoje, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 1998, com 2.720.937 habitantes<sup>2</sup> (IBGE, 1998: 109). Assim, ocupa a quinta posição entre as metrópoles brasileiras, desafiando todos a pensarem sobre seus porquês, indagarem sobre os elementos fundamentais para elaboração tanto de sua constituição física, seu traçado urbano, quanto das referências do seu universo imaginário<sup>8</sup>.

A Praia de Iracema encontra-se hoje em processo integração com as áreas a Leste da cidade (ou já estaria plenamente integrada), que se caracterizam por acolherem tanto a maior parte dos investimentos públicos em urbanismo, quanto da iniciativa privada em turismo e equipamentos de lazer, ao mesmo tempo, em que lá se encontram as moradias da parcela mais rica da população.

A avenida Pessoa Anta, no seu sentido leste-oeste, passando na frente da fachada do Centro Cultural voltada para o mar, funciona como um corredor rápido de tráfego, as pessoas acessam de ônibus ou de carro seus locais de trabalho no centro da cidade, na Aldeota ou na região da orla marítima. Rota privilegiada para o consumo de diversão e lazer na cidade, em sua rápida passagem as pessoas pouco podem perceber das sutilezas que a memória dos antigos galpões, das ruas estreitas e sobrados da transição do século XIX para o século XX podem sussurrar. Muito menos sobre a presença de uma comunidade que vive naquele espaço, como a do Poço da Draga.

Se para os que por ali passam apressados esta paisagem ambiental pouco pode dizer sobre o passado, por outro lado, para os habitantes da Praia de Iracema, em especial os do Poço da Draga a relação com este conjunto imagético e de memória

pode sugerir pontos de referência seguros sobre si mesmos, sobre a singularidade do grupo. Como afirma Lynch:

*"no processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação."* (Lynch, 1997: 04)

A condição de se enraizar dos indivíduos, de criação de laços com o local, aponta para a possibilidade da formação de teias de sentido, de sociabilidade próprios e que possam ser reconhecidos por todos. Desta forma, para Halbwachs, *"o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permanece o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo"* (1990:86).

O ato de rememoração pode ser tomado como uma estratégia de resistência frente a inevitabilidade do tempo, ameaça de que tudo seja reduzido a ruínas. Mais do que isso, os próprios eventos oriundos das transformações da cidade, do seu crescimento e da especulação imobiliária, ressaltariam esta característica de defesa contra o esquecimento, a aniquilação. Em que medida os atos de rememoração formatados coletivamente no Poço da Draga responderiam por estas estratégias de resistência, qual seria a importância da elaboração de um acervo de imagens deste grupo em vista a estas estratégias?

Os sujeitos-memória com suas narrativas são personagens fundamentais destas estratégias, são responsáveis pela guarda de uma parcela desta memória, que ao mesmo tempo que emerge do grupo, define os laços de sociabilidade fortalecendo a união (Nora, 1993: 9). Feitosa (1996:181-182) cita em sua pesquisa o exemplo de Dona Quinquinha, naquela ocasião com 73 anos de idade e falecida pouco depois, moradora há 55 anos do local:

*"nasci em quinze, mas me lembro de tudo. **E essa ponte ai (apontando), antigamente, eu sou do tempo da maria fumaça [...], esse prédio que você vê aqui, esse prédio, não tem, aí? Pois aquele prédio branco era a RFFSA antigamente. Era de flande (flandre), ali do lado ali havia um horror (porção, monte) de carrapateira numa mata que tinha, e aí era os... como é que chamava eles? Antigamente se chamavam era os trabalhador, né? Hoje em dia, não, tem outros nome, né? Eles trabalhando ali na RFFSA, lá a gente via quando chegava o trem, a maria fumaça, que nesse tempo era à lenha viu ? Aqui, **no cais aí, tinha a polícia marítima, tinha, eu inda alcancei, tinha... e vinha os trói (trole), você sabe o que é os trói?...**"*** (grifos meus) <sup>9</sup>

O depoimento de Dona Quinquinha pode ajudar a esclarecer o quanto as imagens do lugar são importantes para a construção dos processo de significação e pertença. O como se constróem naquela localidade os mapas imaginários ligados a experiência de conviver neste cenário de intensas transformações e tensões que a cidade experimenta. Segundo Pierre Nora, *"a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto"* (1993: 09). Assim, no modo de vida das sociedades de massa contemporâneas, marcado profundamente por uma aceleração do tempo e desligamento entre o passado e o presente, a memória coletiva parece se esvanecer ante aos padrões impessoais de relação, e com eles a capacidade de leitura deste indícios enraizados da memória de que fala Nora. Este ambiente parece então, ceder lugar aos sentimentos enfastiados, desenraizados, como proposto por Simmel:

*"não existe fenômeno mais exclusivamente próprio da grande cidade que o homem enfasiado [...] o que define o homem enfasiado é que ele se tornou insensível às diferenças entre as coisas; não que ele não as perceba, não é que seja estúpido, é que a significação e o valor destas diferenças e, pois, das próprias coisas, para ele resulta negligenciável. Os objetos aparecem-lhe com uma tonalidade uniformemente insípida e cinza, nenhum sendo julgado digno de preferência."* (1979: 332-333)

Em meio as profundas intervenções urbanísticas levadas a efeito nas grandes cidades sob a égide do mercado e de processos de racionalização e burocráticos próprios da modernidade, *"resta redescobrir os lugares onde esta memória coletiva se preservou espontaneamente"* (De Decca, 1992:130), os "lugares de memória", através dos quais seja possível evitar *"a perda de referência com qualquer sentido coletivo, [que] além de deixar de projetar perspectivas futuras faz aumentar a sensação de que os vínculos com o passado estão prestes a se desfazerem definitivamente"* (1992: 131).

Em que medida a Praia de Iracema poderia se enquadrar na definição de um "lugar de memória"? Creio que na mais larga, levando-se em conta o seu estatuto de lugar de fundação da cidade tanto em seu sentido histórico, quanto de memória (Nora, 1993). Apesar desta noção de fundação parecer estranha à maioria dos fortalezenses, ainda assim, o revolver de finas camadas de esquecimento ou uma passagem a pé com mais vagar poderiam fazer surgir algumas das suas reminiscências daquele espaço - hoje tão sacudido com sua transformação em principal pólo de entretenimento da cidade e da influência do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura sobre a região.

Desta maneira se torna possível buscar, neste vagar lento através das ruas antigas e dos antigos sobrados e galpões (alguns deles já restaurados pelo projeto "Cores da Cidade") os traços de Mnemosyne, a deusa da reminiscência que, como afirma Walter Benjamim, *"era para os gregos a musa da poesia épica"* (Benjamim, 1985: 211). Ainda segundo Benjamim, é *"a reminiscência [que] funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração (...) [tecendo uma] rede que em última instância todas as histórias constituem entre si"* (1985: 211).

Reminiscências estas as quais os projetistas do Centro Cultural afirmam ter se orientado para a execução do conjunto, quando da sua efetiva intervenção na Praia de Iracema (Sousa, 2000). Pode parecer paradoxal, mas o ato de recontextualização da área, derrubando construções antigas (e reminiscências?) e provocando disputas e a reprovação de muitos, não estaria depondo em sentido contrário ao anima que circularia por entre aqueles muros, becos e vielas?

E como se constituiria na especificidade da comunidade do Poço da Draga esta relação com as cadeias da reminiscência enquanto conformadora dos laços sociais? Neste sentido, acredito ser pertinente o relato de Dona Rocilda Presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga:

*"primeiro, a minha comunidade, o poço da Draga já é cultura, certo? (...) Porque as pessoas lá nasceram, viveram, eu já vou na terceira geração, então eu estou lá até agora, então eu sou cultura do Poço da Draga. (...) [A] nossa comunidade, há **setenta anos que ela existe**, eu lembro até do coqueiral da Maria Júlia, que é da tia dele aqui <sup>10</sup>, a gente já morava ali, naqueles igarapés d'água, e a água passava em baixo. Só que agora não é mais assim, mas não tem nenhuma [infraestrutura], nunca foi urbanizado, nunca botaram cano de água lá, pra urbanizar. Nós não temos saneamento, nós não temos pavimentação, nós não temos [garantia de] permanência no lugar (...) **É um desrespeito à memória viva da nossa***

**comunidade.** *Eu queria (...) que a nossa comunidade tivesse acesso à arte e à cultura também, certo? (...) Eu preciso de urbanização urgente para o Poço da Draga.*"<sup>11</sup>

Parece ficar claro o entrelaçamento entre o presente e o passado na defesa que Dona Rocilda faz de suas reivindicações, sugere o sentido de uma luta contra o aniquilamento: "*nós não temos [garantia de] permanência no lugar*", a luta humana pela "permanência" é assim definida por Arendt:

*"se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa (...) a capacidade humana para realizá-lo era a recordação."* (Arendt, 1992: 72)

Parece pertinente no âmbito desta discussão sobre o estabelecimento dos "lugares de memória" (e o apelo de Dona Rocilda assim o legitima: "é um desrespeito à memória viva de nossa comunidade"), o cruzamento entre os estímulos que levaram a instituição do Complexo Dragão do Mar pelo Poder Público, que buscava recriar o campo da memória num lugar bastante particular, sob a forma de um arranjo espetacular. E o percurso espontâneo, pois cotidiano ou oriundo das lutas de sobrevivência, no qual as referências originárias da experiência de vida dos moradores "sacralizam" o meio em que vivem. Qual seria o resultado deste cruzamento? Que narrativas emergiriam, seriam resgatadas, construídas para significar esta dialética entre novidade e ruínas que a alta-modernidade celebra?

Giddens afirma que "*em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico*" (Giddens, 1991:27), devido ao trânsito intenso de referências vindas de longe. O Centro Dragão do Mar parece se adequar bem a esta definição, de "espaço de desterritorialização" tendo em vista o seu uso como "*shopping da cultura*". Por outro lado, o espaço da comunidade, da vizinhança, poderia ser significado a partir dos relatos, das práticas do lugar por seu habitantes (Certeau, 1999: 202). Desta forma, enquanto especificidade da urbe, o bairro, pode ser definido como,

*"uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário do espaço público até exercer aí uma apropriação. A trivialidade cotidiana desse processo, partilhado por todos os cidadãos, torna inaparente a sua complexidade enquanto prática cultural."* (Mayol, 1997:42)

Assim para Mayol, desta atmosfera gerada pelo entrelaçamento das mais diversas práticas cotidianas, surge o espaço urbano não só como objeto de conhecimento, mas sob a forma do "*lugar de um reconhecimento*" (Mayol, 1997:45), de microações e interação, emocionalmente relevantes capazes de auxiliarem na tecitura de cartas de navegação imaginárias, e não só geográficas, nos quais desejos e limites apontem para as possibilidades de identidades partilhadas. Guattari, define desta forma a construção de uma cartografia subjetiva de um determinado espaço:

*"de uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos afetos."* (1992: 22)

## **O Porto e o trânsito: o novo e o velho no vórtice do tempo**

A modernidade não é um compartimento estanque em seu propósito de renovação veloz e permanente, antes disso, ela convive, ainda que contraditoriamente e no limite da sua fragilidade e efemeridade, com as formas que aspira superar. Como afirma Peixoto, *"a pressa da vida moderna, o vórtice vertiginoso dos eventos históricos, geram imagens condicionadas pela aceleração"* (1998: 182), a imagem de aceleração de ontem fundada na maria-fumaça de Dona Quinquinha, a imagem de hoje, a comunicação instantânea da globalização do discurso oficial.

Neste "vórtice dos eventos históricos", próprio do espaço-tempo acelerado de uma grande metrópole, como no caso de Fortaleza, é possível discernir os diálogos com outras modernidades vividas por esta cidade em outros tempos. Perceber os ecos deste passado ainda mais forte nos lugares, nas reminiscências, nos seus mitos fundadores, mesmo diante da pirotecnia do novo patrocinada pelo poder público. Nesse sentido, como afirma Peixoto:

*"a modernidade - na sua relação privilegiada com a morte - remete à antigüidades porque esta revela uma propriedade comum a ambas: a fragilidade. É porque o antigo nos parece como ruína que o aproximamos do moderno, igualmente fadado à destruição. A cidade moderna é palco de transformações incessantes, que revelam sua precariedade. A morte já se apoderou dos edifícios que estamos construindo. O antigo se aproxima do moderno pela manifestação de caducidade do presente."* (1998: 232)

Apesar de sua invisibilidade, o Poço da Draga avança sobre o Dragão, força uma convivência entre o velho e o novo mesmo em uma atmosfera *up to date*, na vizinhança sofisticada e festiva dos bares e danceterias, "flanelinhas" da comunidade dividem as ruas e calçadas com o freqüentador rico e bem vestido dos equipamentos culturais da área. Na Praça do Dragão do Mar, à tarde, pode se flagrar uma carroça de verdureiro atravessando vagarosamente (em direção à favela?) e o turista estrangeiro capturando imagens em sua câmera digital, crianças varando o dia brincando e correndo de um lado para o outro das instalações, talvez construindo para si mesmas seu próprio Dragão do Mar, como um grande e estranho navio ancorado para sempre naquele porto esquecido da Praia de Iracema. Jovens jogando bola até tarde da noite na quadra comunitária. No Poço da Draga, à noite na hora da novela, os moradores vêem o Dragão do Mar nos comerciais da TV, a comunidade exige participação nas benesses, vários moradores estão cadastrados para executar trabalhos gerais junto ao Centro Cultural.

Fortaleza em seu afã de transformações rápidas e, segundo alguns, muitas vezes inconseqüentes, parece dividir com o poder público e um acordo tácito pelo novo, repartindo um sentido formulado por Rimbaud, de que *"ser absolutamente moderno' é mais silêncio, reticência ou recusa que adesão voluntária ou ousada"* (Rimbaud, apud. Balandier, 1997:137).

Não se opta por ser moderno, a modernização voluntarista e militante proposta pelo poder público e expressa no conjunto Dragão do Mar, não pode ser tomada como o todo desta experiência, antes, apenas como mais uma dimensão entre outras que configuram uma sociabilidade. Assim, há a necessidade de ver e ouvir o que tem a dizer o Poço da Draga, projetar a comunidade ao papel de protagonista, e detentora de parte de todo o mistério que cerca o devir da metrópole, este, estruturado em imagens e subjetividades que circulam e dormitam naquele porto, à *"beira-mar entre luzes que lhe escondem"* <sup>12</sup> - mirando o horizonte.

## **Bibliografia**



- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BALANDIER, Geoges. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - vol. 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DE DECCA, Edgar Salvatori. *Memória e cidadania*. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. **O Poço e a Draga: a favela e a biblioteca**. São Paulo: PUC, 1996 (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social).
- \_\_\_\_\_. *A Praia de Iracema como Patrimônio Cultural: patrimônio de quem?*. **Olhar Midiático - Revista de Comunicação e Informação**, Fortaleza, Deptº de Comunicação Social e Biblioteconomia/UFC, ano 1, n. 1, mar. 1998, p. 96-106.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- GONDIM, Linda M. P. *O Dragão do lazer e da Cultura invade a praia de Iracema*. Trabalho apresentado no V Seminário de História da Cidade e do urbanismo. Campinas: PUCAMP, 1998. Trabalho não publicado.
- \_\_\_\_\_. **Relatório circunstanciado de atividades e plano de trabalho para continuação da pesquisa "Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: a produção de imagens da 'moderna' Fortaleza no Centro Dragão do Mar"**. Fortaleza: s.r., 1999. Trabalho não publicado.
- \_\_\_\_\_. **A construção social da memória na moderna Fortaleza**. Fortaleza: s.r., 2000. Trabalho não publicado.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD**. Brasília: IBGE, 1998.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e Memória: reconstrução por meio da fotografia*. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 41-47.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LEMENHE, M. Auxiliadora. **As razões de uma cidade**. Fortaleza: Estylus Comunicações, 1991.
- LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e de Sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.
- LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAYOL, Pierre. *O Bairro*. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano - vol. 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 37-45.
- NORA, Pierre. *Entre história e memória: o direito ao passado*. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993, p. 07-28.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, Marca D'Água, 1998.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política**. Fortaleza: UFC, 1998.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2. ed. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 1999.
- SILVA, José Borzacchiello da. **Os incomodados não se retiram**. Fortaleza: Multigraf, 1992.
- SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In: CHOAY, Françoise (org.). **O urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 329-338.
- SOUSA, Vancarder Brito de. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: política cultural no discurso de modernização do "governo das mudanças"**. João Pessoa: PPGS-UFPb, 2000 (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

## Notas

1) Inaugurado em caráter definitivo em 29 de abril de 1999.

2) "As cidades são imensas máquinas - megamáquinas, para retomar uma expressão de Lewis Mumford - produtoras de subjetividades individual e coletiva" (Guattari, 1992: 172).

3) A área ocupada pela comunidade do Poço da Draga é de grande valor imobiliário, haja vista os vultosos investimentos públicos e privados em turismo e entretenimento no bairro da Praia de Iracema, bem como a construção de condomínios de alto padrão.

4) A respeito do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a sua relação com a cidade ver: Gondim, 1998; Gondim, 1999; Sousa, 2000.

5) Vermelhas, como as pontes do século XIX.

6) Jornal **Diário do Nordeste**, 23/12/2000, Caderno Cidade, p. 12.

7) Dados relativos à Região Metropolitana - RMF. Esta é formada pelos municípios de Aquiraz, Caucaia, Euzébio, Fortaleza, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba e São Gonçalo do Amarante.

8) A respeito dos aspectos sociológicos da constituição de ver Lemenhe, 1991; Linhares, 1992; Ponte 1999; Silva, 1992.

9) Entrevista concedida a Luiz Tadeu Feitosa em julho de 1994.

10) Referência à uma parente do teatrólogo B. de Paiva, este presente ao depoimento.

11) Depoimento gravado por Linda Gondim em 05 set. 2000, durante uma reunião de um dos grupos encarregados de implementar o Plano Estratégico de Fortaleza - PLANEFOR, através de um Projeto de Dinamização do Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

12) *Beira-mar*, música de Ednardo.